

EXU, CIRCULARIDADE, ALACRIDADE E ANCESTRALIDADE COMO PRESSUPOSTOS A UM TRABALHO FILOSÓFICO AFRICANO E AFRO-BRASILEIRO

Emilio Dos Santos Fernandes Junior¹
Francisco Vítor Macêdo Pereira²

RESUMO

O presente resumo trata de um estudo sobre Exu, circularidade, alacridade e ancestralidade, como pressupostos a um trabalho filosófico africano e afro-brasileiro. Analisaremos, pois, a ideia acerca de uma filosofia da ancestralidade como trabalho que se utiliza de Exu como ferramenta teórica ou como símbolo para expressar o entrecruzamento das experiências históricas e culturais das diferentes contribuições sobre as quais se assentam a filosofia africana e afro-brasileira. Este trabalho estabelece, então, o seu percurso na análise descritiva e explicativa sobre o ensino da filosofia da ancestralidade e do Exu. A filosofia do Exu e da ancestralidade está ligada à circularidade ancestral e à alacridade - para a abertura da comunicação e do encantamento dos saberes africanos e afro-brasileiros à complexa encruzilhada do tempo presente. Despachar esse trabalho possibilita a abertura de diferentes campos de conhecimentos, além de mudanças epistemológicas do ponto de vista curricular e do sistema de ideias e teorias sobre o ensino de filosofia. Dito de outro modo, a filosofia do Exu e da ancestralidade demonstra a importância dos saberes de vidas, culturas e ciências negras no mundo, encaminhados e atuados ontologicamente por presenças e valores africanos/afroreferenciados - a despeito de todo o silenciamento, de toda a invisibilização de outras possibilidades de saberes filosóficos.

Palavras-chave: Filosofia da ancestralidade Exu Tempo presente Encruzilhada histórico-cultural Filosofia no Brasil .

UNILAB-CE, MIH, Discente, cheteone1666@gmail.com¹
UNILAB-CE, IH/MIH, Docente, vitor@unilab.edu.br²



INTRODUÇÃO

Ao longo dos anos, venho percebendo que ainda se fala muito pouco da filosofia africana nas universidades brasileiras. Esta prática de apagamento da presença da filosofia africana era muito comum nas academias brasileiras, como sendo esse conjunto prática de pensamento fazem com que a partir do mundo ocidental se encontra em dispositivo para que os “Outros Pensamentos” se quer sejam reconhecidas e visíveis nas nossas academias. A negação do sentido atual dessa filosofia na sociedade brasileira se dá como evidencia incontestes do racismo anti-negro, epistêmicos, religiosos, contra as matrizes e as presenças africanas de formação do povo e da sociedade brasileiros. A filosofia da ancestralidade é uma filosofia da resistência, do encantamento e de rompimento com todo pensamento e da cultura logocêntricos ocidentais, as quais ainda pretendem a inferiorização e a marginalização da existência negra. Além disso, ela é uma filosofia que preserva a sabedoria dos mais velhos e guarda os saberes que foram/serão ensinados ou repassados às novas gerações, como método comunitário de educação africana. A filosofia da ancestralidade se tornou como uma chave fundamental das raízes das filosofias africanas, a fim de se pensar a consciência africana e dos afrodescendentes do continente e da diáspora. Ela é uma filosofia que se utiliza de Exu, como ferramenta teórica para compreenderem a possibilidade da encruzilhada como lugar histórica e culturais ou referencial para refletir a filosofia de matrizes africanas e afro-brasileiras. Para este trabalho, analisaremos a ideia acerca de uma filosofia da ancestralidade como filosofia que se utiliza de Exu como ferramenta teórica ou como símbolo para expressar o entrecruzamento das experiências históricas e culturais das diferentes contribuições que fundamentam a filosofia africana e afro-brasileira, notadamente a partir da visão de Eduardo Oliveira (2007; 2012), de Joseania Miranda Freitas e Marcelo Cunha (2014) e de demais autores/as. Trazer essa discussão a partir de uma filosofia afro-referenciada e pluriversal permite-nos melhor entender as raízes desses pensamentos africanos a partir dos seus encantamentos, da sua alacridade, da sua educação de tradição oral, dos seus saberes circulares e ancestrais. A filosofia do Exu e da ancestralidade está ligada à circularidade ancestral e à alacridade - para a abertura da comunicação e do encantamento dos saberes africanos e afro-brasileiro. Ancestralidade é uma categoria analítica que se alimenta da experiência de africanos e afrodescendentes. Ela fala do nosso lugar de pertencimento histórico e cultural - sobre quem somos e de onde viemos. Exu é o princípio dinâmico da cosmovisão africana, presente predominantemente na cultura yoruba. Ele é entendido como o primeiro Orixá do panteão africano, Deus da comunicação, da ordem, da disciplina, da paciência, e da alegria. Além disso, Exu é um corpo dinâmico, que sempre impulsiona tudo o que existe ao movimento, à transformação. É a divindade que fala todas as línguas, que conhece todas as culturas e que abre e fecha todos os ciclos e caminhos. Daí a sua relação e a de seu culto à circularidade e à alacridade, representa-se a sua performance na dança, Exu é aquele que despacha os espaços e as ruas para que os caminhos sejam suaves, tranquilos, despachar não é no sentido de mandar ir embora, mas no sentido de atender e proteger os espaços. E ele é entendido como orixá mais humano em relação aos outros orixás, porque, ele é mais próximo dos homens. Por conta de ser mais próximo dos homens, porque, ele ter uma ligação com a brincadeira. Exu é um orixá brincalhão, que gosta da festa, de trazer alegrias e de proteger contra as divindades do mal.

METODOLOGIA

A principal metodologia empregada para a feitura do presente trabalho foi a da pesquisa bibliográfica, com embasamento teórico em livros, dissertações e artigos científicos. Segundo Antônio Carlos Gil (1999, p. 50), “a pesquisa bibliográfica é desenvolvida a partir de material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos”. Além disso, para melhor descrição e compreensão do problema - que é de cunho teórico-filosófico -, utilizamo-nos subsidiariamente da pesquisa descritiva. Segundo Gil (2002, p.41), “as



pesquisas descritivas têm como objetivo primordial a descrição das características de determinada realidade ou fenômeno sob estudo ou, então, o estabelecimento de relações entre suas variáveis”. Interessa-nos, na conformação desse escopo, as descrições acerca da circularidade e da alacridade: ao mesmo tempo como atributos exusíacos e como condições próprias à filosofia da ancestralidade, do encantamento e da encruzilhada, no complexo contexto das tradições africanas e afro-brasileiras. Enfim, para uma melhor leitura do problema, utilizamo-nos da pesquisa explicativa. Ainda segundo Gil (1999), “a pesquisa explicativa tem como objetivo básico a identificação dos fatores que determinam ou que contribuem para a ocorrência de um fenômeno”. É dessa forma, porque nos interessa explicar as causas e as consequências epistemológicas - do racismo anti-negro e anti-africano - sobre as bases de manutenção eurocêntrica, das atuais premissas e pressupostos para o exercício da filosofia e de seu ensino no Brasil. Por tudo isso, a disposição desse estudo oferta-se ao escopo de descolonizar o pensamento e a prática acerca do ensino de filosofia - da ontologia, da ética, da estética e da política - no Brasil. Interessa-nos, na encruzilhada africana e afro-diaspórica, para além dos paradigmas cristãos e eurocêtricos, a superação de preconceitos e racismos epistêmicos - os quais engolfam o currículo de filosofia no Brasil. Pensa-se, assim, em conferir alternativas aos/as professores/as e estudantes de filosofia.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O professor Eduardo David de Oliveira (2007; 2012) é um dos herdeiros e o pioneiro a respeito das formulações da filosofia da ancestralidade e do encantamento no Brasil. O propósito da discussão de Oliveira é justamente compreender a filosofia da ancestralidade como uma filosofia africana em sua origem afro-diaspórica e afro-referenciada: para o redimensionamento crítico das ideias, para a descolonização epistêmica, ética, estética e política da produção das estruturas sociais, para a sua reformulação para além dos referenciais de bases racistas, injustas e violentas contra a população negra. A filosofia do Exu, na dimensão ancestral do círculo e da alacridade, restaura uma escuta sensível com os desprezados da sociedade e potencializa-lhes uma ética do cuidado. Essa ética do cuidado reinventa-se na sagacidade e na oralidade de Exu como uma resistência criativa, popular, que é oriunda do encantamento e fortalece o nosso pertencimento mútuo, uns aos outros, à terra e à ancestralidade. Por isso essa filosofia é igualmente ancestral. A ética do cuidado e do bem-viver refunde-se, assim, numa prática de nova socialização, de solidariedade, de celebração dos modos de vida e dos comportamentos de mundo tradicionalmente africanos. Dessa forma, o encantamento de Exu e de sua filosofia instauram uma experiência transformadora de si mesmo, da sua relação com a natureza, com o coletivo e com a sociedade. A filosofia da ancestralidade pode igualmente ser entendida como a disposição ética, estética, política e epistemológica, pertencente às origens africanas, de se realizar a humanidade justamente no chão diaspórico - da encruzilhada intercultural brasileira, à qual convergem filosofias e saberes autóctones, originários dos povos indígenas, latinos americanos e igualmente africanos: trazidos para cá por ninguém menos, agenciados por ninguém menos do que Exu. Afinal, ele é o embaixador da ancestralidade africana aqui no solo brasileiro, ele foi o responsável no Orun pelo trânsito dessa presença civilizacional transatlântica. Portanto, esta é uma filosofia que se encontra na encruzilhada com diferentes saberes, em múltiplos espaços de trocas, agenciamentos, conhecimentos e vivências cosmopolitas: tal como é do agrado de Exu. Nesse sentido, conforme Oliveira (2012): A filosofia da ancestralidade está na encruzilhada do pensamento contemporâneo. No âmbito dos estudos pós-coloniais ela dialoga com o pensamento negro africano (antropologia, filosofia e literatura), com a filosofia latino-americana da libertação e com o pensamento social negro no Brasil. É influenciada também pela filosofia intercultural (do grupo: corredor das ideias - conesul), pensamento afrocêntrico norte americano e pelo pensamento complexo (OLIVEIRA, 2012, p.28). A encruzilhada do pensamento



contemporâneo abre, então, possibilidades para compreender outros caminhos de pensamentos: pensamento negro africano, pensamento negro brasileiro e pensamento afro-diaspórico. Ela é entendida também como um território aferente às oferendas de diversos intercâmbios - de conhecimentos e de espaços onde se comunicam memórias, lutas e liberdades. Na encruzilhada está a ansiedade pelo encontro, está a possibilidade de se comunicar, de se saudar e de se alimentar com o que é diverso. Exu é representado por essa encruzilhada da vida, e Ele é aquele que mostra a historicidade do mundo, permitindo-nos a agência, a resistência e a luta contra tudo o que nos tolhe e nos pretende fazer desistir de viver. Exu é, enfim, a (re) abertura de possibilidades, do que se pode imaginar para o refazimento e reinvenção de nossas vidas e trajetórias humanas. Ele é terreiro de nossa celebração por estarmos vivos, de nossa comunicação; além disso, ele é o corpo, a língua, o caminho, a comunidade e a escrita. Diante desses arquétipos, que são os da própria humanidade em meio às suas intercorrências históricas, Exu é o Orixá que, segundo Freitas e Cunha (2014, p. 198), nos explica, de maneira prática, tudo aquilo que - a partir do corpo, da vontade, da palavra e do movimento - podemos realizar: Corpo - A energia de Exu, que permite à vontade humana vivenciar descobertas e aprendizagens. Esta energia promove o despertar da alegria, do desafio, do prazer e das escolhas que marcam os destinos de cada pessoa. Línguas - Exu possui o conhecimento de todos os idiomas conhecidos, desconhecidos, desaparecidos ou pouco utilizados, característica que aproxima pessoas, constrói ideias e tudo o que envolve o falar e a nossa capacidade comunicativa. Escrita - A comunicação, oral ou escrita, é a característica principal de Exu. A transmissão de informações em diversificados modos constitui-se num campo de possibilidades de manifestação de Exu. Caminhos e Continuidade - Exu apresenta as possibilidades de recomeço ou de renovação, para que a vida possa ter caminho e continuidade. Exu é o impulso da vida em sua complexidade. É energia vibrante que estimula as pessoas a perceberem a importância da vida, valorizando os movimentos e os momentos vividos em plenitude. Exu, em suas diferentes faces, direciona o ser humano à experiência do movimento e da vida com intensidade. Na prática, Exu é tudo aquilo que se pode imaginar da experiência compreendida, significada e bem vivida em nosso cotidiano. Ele é a força que mantém o nosso equilíbrio e que, ocasionalmente, nos causa o desequilíbrio. Articulador de toda a nossa comunicação e de toda a nossa inteligência no mundo e sobre o mundo. Do que de tudo isso se segue, a ancestralidade africana é muito importante para nós, para repor o verdadeiro papel de África como farol do conhecimento para a humanidade. Este estudo, com efeito, nos proporciona novos conhecimentos, com olhares críticos e reflexivos, em diferentes campos de saber e propiciando mudanças epistemológicas - necessárias do ponto de vista curricular, bem como do sistemas de ideias e teorias acerca da filosofia e de seu ensino.

CONCLUSÕES

A filosofia do Exu e da ancestralidade deve ser entendida como uma filosofia plural e diversa, implicada no encantamento da encruzilhada, na ética do bem viver, na potência da existência dos valores no corpo, na alegria, na cultura que perpassa tanto o continente como a diáspora africana. Por tudo, ela faz convergir os nossos pensamentos e atitudes vitais à encruzilhada: onde se mantêm as nossas identidades, as nossas melhores e mais plenas vivências, a ritualística de nossa alteridade e o nosso encantamento junto ao outro: em abertura aos marcadores de africanidade e de presença diaspórica africana em nosso próprio meio. A filosofia da ancestralidade e do Exu demonstra, enfim, a importância dos saberes de vidas, culturas e ciências negras no mundo, encaminhados e atuados ontologicamente por presenças e valores africanos/afroreferenciados - a despeito de todo o silenciamento, de toda a invisibilização e de toda a violência infligida a outras possibilidades de pensamentos e realizações filosóficos.



AGRADECIMENTOS

Por fim, agradecemos aos nossos ancestrais pela vida, axé e inspiração para a realização deste trabalho. Agradecemos ainda ao professor Eduardo Oliveira, por nos ter proporcionado uma visão diferente acerca do ensino de filosofia, assim também aos nossos familiares pelos conselhos, apoio moral e atenção.

REFERÊNCIAS

FREITAS, Joseania Miranda e CUNHA, Marcelo Nascimento Bernardo da. Reflexões sobre a exposição temporária do MAFRO/UFBA - Exu: outras faces. Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio - PPG-PMUS Unirio | MAST - vol. 7 nº 1 - 2014. GIL, Antônio Carlos. Métodos e técnicas de pesquisa social. 5.ed. São Paulo: Atlas, 1999. _____. Como elaborar projetos de pesquisa. 4. ed. - São Paulo: Atlas, 2002. OLIVEIRA, Eduardo David de. Filosofia da Ancestralidade: corpo e mito na filosofia da Educação Brasileira. Curitiba: Ed. Gráfica popular, 2007. _____. "Filosofia da ancestralidade como filosofia africana: educação e cultura afro-brasileira." Revista Sul-Americana de Filosofia e Educação-RESAFE, 2012. MACHADO, Adilbênia Freire. Ancestralidade e Encantamento como inspirações formativas: filosofia africana mediando a história e cultura africana e afro-brasileira. Dissertação (mestrado) - Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, 2014. 240f.

